



PERCEPÇÕES DA CRIANÇA COM DISLEXIA E SEM APOIO FAMILIAR

Verônica da Rosa Paim

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

PERCEPÇÕES DA CRIANÇA COM DISLEXIA E SEM APOIO FAMILIAR

Trabalho apresentado como requisito parcial para
Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia,
sob orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Cemin.

Verônica da Rosa Paim

Caxias do Sul, 2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo Geral	9
2.2 Objetivos Específicos	9
REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1 Caracterização da Dislexia.....	10
3.2 Desenvolvimento Biopsicossocial na Infância.....	14
3.3 Aspectos Fundamentais das Funções de um Sistema Familiar	17
MÉTODO	21
4.1 Delineamento.....	21
4.2 Fontes.....	21
4.3 Procedimentos	23
4.4 Referencial de Análise	23
RESULTADOS.....	24
DISCUSSÃO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias e Recortes Cenográficos	24
--	----

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as possíveis percepções de uma criança com dislexia que não possui apoio familiar, objetivando auxiliar na compreensão dos conflitos que podem surgir nesta situação. A dislexia é um transtorno de aprendizagem de origem neurológica, que se torna evidente no período de alfabetização da criança, e envolve o processamento da linguagem. A criança apresenta dificuldades para aprender a ler, escrever e soletrar. Os pais desempenham papel fundamental, desde o momento do diagnóstico, até o desenvolver do tratamento, que pode exigir apoio de áreas como psicopedagogia, psicologia e fonoaudiologia. Para atender ao objetivo deste trabalho, procurou-se, primeiramente, conceituar o desenvolvimento infantil e as relações familiares, utilizou-se autores como Winnicott e Piaget nesta compreensão. Ademais, o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratória e interpretativa. A revisão de literatura é composta por artigos científicos de 2001 a 2017, juntamente com capítulos de livros clássicos e atuais. Os dados obtidos foram organizados em uma tabela, a partir de categorias de análise definidas *a posteriori*, sendo elas: Percepções de Ishaan, quanto à dispersão frente às situações, não adaptação à escola, o isolamento, a fuga das situações, não aceitação dos pais em relação à condição do filho, sentimentos de culpa dos pais, a postura do professor ao explicar aos pais e aos alunos a dislexia e a busca de auxílio do professor com a direção da escola. Como fonte de análise desta pesquisa utilizou-se o filme *Como Estrelas na Terra*, de Aamir Khan (2007), por meio deste buscou-se ilustrar os conteúdos abordados neste trabalho, analisando algumas implicações existentes na conflitiva familiar. Para análise de conteúdo, utilizou-se o referencial Laville e Dionne (1999). Como resultados, identificaram-se as categorias acima e foi realizada uma discussão integrando o aporte teórico. Portanto, este estudo apresentou algumas reflexões sobre as percepções de uma criança com dislexia e sem apoio familiar.

Palavras- chave: infância, dislexia, família

INTRODUÇÃO

Este projeto busca contribuir com estudos já existentes sobre o transtorno específico de aprendizagem caracterizado como dislexia, mais especificamente no contexto das relações familiares, espaços em que os desafios se mostram presentes. A escrita é descoberta pela criança como instrumento de poder, ela passa a falar da maneira que lê, utilizando argumentos que convençam a favor de seu interesse.

A dislexia caracteriza-se por habilidades alteradas dos processos, fluência, compreensão e leitura correta de palavras (Sampaio, 2000). Além destas, pode envolver, ainda, dificuldades no reconhecimento de palavras escritas, na descodificação, na adequação e habilidades ortográficas, podendo, também, manifestar-se no raciocínio matemático, conforme entendimento da Associação Psiquiátrica Americana (APA, 2014). A dislexia não é uma doença, ou seja, por motivo genético ou por distúrbios adquiridos nos primeiros anos de vida esses circuitos e essas conexões existentes no cérebro não conseguem se desenvolver, levando a uma insuficiência de ligações entre as áreas responsáveis pela formação da competência da leitura e da escrita, ou seja, o aluno passa a ter uma dificuldade maior de raciocinar, compreender, memorizar conteúdos vinculados à leitura, escrita e soletração, entre outros (Silva, Conceição & Tavares, 2016).

O transtorno pode atingir de 5 a 10% dos indivíduos, com prevalência maior sobre os sujeitos do sexo masculino, na proporção de três meninos para uma menina (Sampaio, 2014). O tratamento pode auxiliar o paciente a identificar e dominar suas limitações, o que leva a uma melhora progressiva e evita que ele enfrente problemas sérios relacionados à autoestima e à socialização. Não há cura para a dislexia, esse transtorno se caracteriza pela dificuldade do indivíduo de decodificar símbolos, ler, escrever, soletrar, compreender um texto, reconhecer fonemas, exercer tarefas relacionadas à coordenação motora; e pelo hábito de trocar, inverter, omitir ou acrescentar letras/palavras ao escrever (Ajuriaguerra, 1983).

De acordo com Amorim e Oliveira (2016), é necessário que a família organize seu tempo, e analise seus preceitos sobre a dislexia para que a criança não se sinta discriminada por ser disléxica, trazendo outros danos a seu desenvolvimento. A família precisa ter uma postura otimista, dando limites, regras e buscando informações sobre o transtorno específico de aprendizagem, para intervir e ajudar no diagnóstico realizado por especialistas. Os estímulos precários na primeira infância, problemas pedagógicos em séries iniciais e fatores afetivo-emocionais na escola e na família estão entre as principais

causas dos problemas no desenvolvimento psicossocial, cognitivo e de transtornos na aprendizagem.

Ainda no que tange à família, Knobel (1992) caracteriza a mesma como sendo o principal eixo em relação à aprendizagem das questões sociais e emocionais da criança, porém, à medida que a criança cresce, ela convive cada vez mais com pessoas fora do círculo familiar, pessoas essas que passam a ter parte ativa na socialização da criança, é nesse meio que a criança poderá encontrar aquilo que necessita, por este motivo, a família deve cumprir adequadamente essa função. Em contrapartida, a família que desconhece as suas responsabilidades relativamente à criança, não considerando as suas necessidades, vivendo uma vida em que não existe lugar para ela, nem tempo para estar com a criança pode levar a situações de angústia, de inibições, entre outros problemas.

As diversas definições deixam claro que a dislexia se trata de um problema de origem neurológica e que é possível encontrar estratégias que ajudem o aluno disléxico a aprender, as preocupações dos pais são inúmeras, começando pela necessidade de tomar as medidas necessárias de modo a proporcionar uma boa educação ao seu filho, apesar das suas limitações e oferecer condições financeiras e emocionais para cuidar da criança (Fonseca, 1995).

Cabe ressaltar que estudar sobre a temática dislexia, contribui para ampliar o conhecimento como profissional da psicologia, e por meio de divulgações poderá repassar informações para outras áreas do conhecimento como à educação, por exemplo.

Conforme a vivência da pesquisadora acerca do tema “família” foi de extrema importância realizar um estudo um pouco mais aprofundado para dar conta das interfaces que permeiam este contexto. Desde o início do curso ocorreram identificações com temas relacionados à infância. A primeira experiência de estágio básico se deu na creche da Universidade de Caxias do Sul (UCS), na qual se realizaram observações de crianças durante uma aula do turno integral, os mesmos na faixa de três a quatro anos. Apesar de este estágio ser bastante simples contribuiu no interesse de estudo pelo comportamento das crianças, bem como, as relações que as mesmas estabelecem ao longo de seu desenvolvimento.

No segundo estágio básico, o foco se deu na instituição em si, o grupo realizou na Coordenadoria da Mulher, houve um trabalho de análise deste setor localizado na cidade de Caxias do Sul, a qual se destina a promover uma cultura de proteção da mulher frente à violência doméstica. Foi possível analisar como a equipe se relaciona para poder

solucionar os contratempos que podem ocorrer em cada caso. Ainda pode-se entender como funciona a proteção dos filhos dos cônjuges frente aos conflitos da relação dos pais.

Durante a realização do terceiro estágio, o qual se destinou a observar um grupo, foi escolhido como local a Organização Não Governamental (ONG) Anjos Voluntários, sendo possível analisar uma turma de crianças entre oito e doze anos de idade. A organização atende crianças em situação de vulnerabilidade social, durante o contraturno da escola, e se localiza em uma região da cidade na qual há condições precárias de moradia e de saneamento para a população. A turma escolhida para realizar as observações, e posteriormente, as intervenções foi a de teatro, sendo possível analisar fenômenos grupais relacionados às condições de vida das crianças que frequentam a ONG, através das dinâmicas, propostas tanto pela professora quanto por pelo grupo, emergiram temas relacionados à violência, falta de meios de subsistência, ausência de um ambiente familiar e exclusão social. Foi um momento do curso no qual a pesquisadora evidenciou a importância do trabalho lá realizado pelo grupo, pois as crianças sentiam-se valorizadas com a presença de acadêmicos de psicologia na turma e também puderam expressar suas próprias conflitivas de forma lúdica, considerando o contexto social de cada uma delas.

A pesquisadora também sofre influência para a escolha do tema, a partir da realização do estágio de Saúde e Processos Clínicos, que está se realizando no Centro de Atenção Integral à Saúde Mental (CAIS Mental), a participação nos Grupos de Orientação a Pais (GOP), vivenciando casos em que as famílias não conseguem estabelecer um manejo para com as crianças ocorrendo, por vezes, a presença de possíveis repercussões escolares e outras problemáticas que interferem no desenvolvimento infantil.

Contemplando essas vivências pode-se evidenciar o quanto é grande o desafio de compreender as diversas situações que uma criança pode estar passando, relacionado com seu contexto e ambiente familiar, oferecendo o suporte necessário aos familiares. A partir destas interferências, entre outros aspectos ao longo do curso, o problema de pesquisa deste estudo refere-se a quais as possíveis percepções de uma criança com dislexia e a relação familiar envolvida?

OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar possíveis percepções de uma criança com dislexia e a relação familiar envolvida na situação.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar o transtorno específico de aprendizagem conhecido com dislexia;
- b) Descrever brevemente o desenvolvimento biopsicossocial esperado na infância;
- c) Apresentar aspectos fundamentais das funções de um sistema familiar.

REVISÃO DE LITERATURA

O referido trabalho propõe-se a estudar a criança com o transtorno de aprendizagem caracterizado como dislexia, que não possui um apoio em relação à sua família. A fim de abranger os assuntos expostos nesta pesquisa, a revisão da literatura foi dividida em três tópicos, apresentando as seguintes temáticas: caracterização da dislexia; aspectos fundamentais do desenvolvimento biopsicossocial na infância e funções de um sistema familiar.

3.1 Caracterização da Dislexia

Ao longo do desenvolvimento, evidenciam-se inúmeras imposições e solicitações do meio físico e social em um processo de ação contínua, há um desequilíbrio e após o reequilíbrio novamente, em busca de uma maior compreensão da realidade. Isso ocorre desde o nascimento e, de acordo com Piaget (1971), há diferentes momentos que caracterizam várias formas de compreender as informações ao longo da vida.

Essas formas se integram e se modificam mutuamente, ampliando a capacidade de adaptação, o que torna este processo dinâmico. Assim, em dado momento, na perspectiva de Piaget (1971), o bebê assimila o mundo por meio de suas ações (período sensório-motor), num segundo momento, a criança *reapresenta* estas ações no plano do pensamento (período pré-operatório) e, num terceiro momento, por volta dos sete anos, aproximadamente, a criança torna-se capaz de operar, pois possui a reversibilidade do pensamento e lida com operações de classes, relações e números, ainda que presa à situação presente e concreta (período operatório concreto).

Do ponto de vista etimológico, o termo *dislexia* deriva da língua grega, significando *dificuldade com palavras*, (*dys = dificuldade*) e (*lexis = palavras*). A dislexia envolve dificuldades de aprendizagem, seja na linguagem escrita ou na falada, como descreve Cruz (2011). Para o autor, a dislexia é caracterizada por uma grande dificuldade em aprender a escrever, recordar letras, pronunciar palavras e discriminar sons específicos de letras. As crianças disléxicas têm uma caligrafia por vezes ilegível e têm uma tendência para trocar letras mesmo depois de terem passado a idade normal em que isto possa acontecer, é também frequente, ao falar, que troquem o sentido e o som das palavras.

Ao falar de dislexia esta se refere não só a problemas de leitura, mas também a problemas na escrita, nas relações espaciais, na obediência a instruções, na sequência temporal, na capacidade de memorização, entre outros problemas que afetam os indivíduos

disléticos e que tantos transtornos lhes causam na sua vida diária. Professores podem ajudar uma criança disléxica em uma classe comum, com alunos não disléticos, a partir do uso de um critério diferenciado para a avaliação, é relevante ressaltar que o portador do transtorno possui inteligência normal, e acima de tudo, garantir que prevaleça o respeito às diferenças em sala de aula.

O diagnóstico da dislexia é uma tarefa difícil pela frequente confusão entre professores e outros profissionais competentes. O processo de avaliação é denominado por Lefèvre (1972) como uma avaliação compreensiva que deve ser sempre efetuada por uma equipe interdisciplinar, na medida em que a dislexia é uma problemática complexa que requer o trabalho conjunto de vários especialistas, professores de educação especial, psicólogos, neurologistas, terapeutas e técnicos do serviço social.

De acordo com Rodrigues e Silveira (2008), a dislexia refere-se à dificuldade na aquisição das competências de leitura e reflete-se na dificuldade com o próprio ato de ler e na compreensão de textos. As manifestações mais comuns são: silabações, hesitações, alterações, palavras mal agrupadas, paragens, arritmia, lentidão, pontuação não respeitada, interpretação, análise ou síntese de textos impossibilitada ou prejudicada, reconto ou resumo dificultados. Para os autores, as dificuldades na aprendizagem da leitura têm origem na existência de um déficit fonológico, embora falem utilizando palavras, sílabas e fonemas, não têm um conhecimento consciente destas unidades linguísticas, apresentando um déficit na consciência dos segmentos fonológicos da linguagem, um déficit fonológico.

As crianças que apresentam maiores riscos de futuras dificuldades na aprendizagem da leitura são as que no jardim-de-infância, na pré-primária e no início da escolaridade apresentam dificuldades na consciência silábica e fonêmica, na identificação das letras e dos sons que lhes correspondem, do objetivo da leitura e que têm uma linguagem oral e um vocabulário pobre.

Kirk e Gallagher (1996) defendem que as dificuldades de aprendizagem possuem, subjacente, um “fator psicológico ou neurológico intrínseco que inibe ou interfere no desenvolvimento normal das operações mentais, da linguagem e dos programas escolares da criança.” (p. 367). As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em duas categorias: dificuldades de aprendizagem relativos ao desenvolvimento (atenção, memória, percepção e falhas perceptivas e motoras) e dificuldades de aprendizagem acadêmica (incapacidade em leitura, soletração, escrita e aritmética).

Existem alguns sinais que podem indicar dificuldades futuras. Se esses sinais forem observados e se persistirem ao longo de vários meses, os pais devem procurar uma

avaliação especializada. Ainda para Kirk e Gallagher (1996), devido às dificuldades percebidas na aprendizagem, a maior parte dos levantamentos de prevalência baseiam-se em estimativas. A intervenção precoce é provavelmente o fator mais importante na recuperação dos leitores disléxicos, o atraso na aquisição da linguagem pode ser um primeiro sinal de alerta para possíveis problemas.

As crianças começam a dizer as primeiras palavras com cerca de um ano de idade e a formar frases entre os dezoito meses e os dois anos. Os atrasos de linguagem podem acontecer, no âmbito familiar como um todo, ou seja, a perturbação familiar. Depois das crianças começarem a falar, surge dificuldades de pronúncia, algumas referidas como linguagem – bebê que continuam para além do tempo esperado. Por volta dos cinco anos de idade as crianças devem pronunciar corretamente a maioria das palavras. (Silva & Silva, 2016).

É possível identificar a dislexia em crianças antes de iniciarem a aprendizagem da leitura, se estes sinais forem observados atentamente, bem como em jovens e adultos que atingiram um determinado nível de eficiência, mas que continuam a ler lentamente, com esforço e com persistentes dificuldades ortográficas. Se apenas alguns destes sinais forem identificados, não é motivo para alarme, uma vez que todas as pessoas se enganam às vezes. É necessário estar atento à existência de um padrão persistente ao longo de um período (Silva & Silva, 2016).

Dacroce e Nicoli (2014) mencionam que os distúrbios de aprendizagem na área da leitura e da escrita podem ser atribuídos às mais variadas causas. Orgânicas: cardiopatias, deficiências sensoriais (visuais, auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral) deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual) e outras enfermidades de longa duração.

Caracterizam-se ainda como sendo psicológicas, desajustes emocionais provocados pela dificuldade que a criança tem de aprender, o que gera ansiedade, insegurança e autoconceito negativo; pedagógicas, métodos inadequados de ensino, falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita, falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce, relacionamento professor-aluno deficiente, não domínio do conteúdo e do método por parte do professor, atendimento precário das crianças devido à superlotação das classe; socioculturais, falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e também não é estimulada no lar), desnutrição, privação cultural do meio, marginalização das crianças

com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum (Dacroce & Nicoli, 2014).

Capellini (2004) observou que na dislexia, o estabelecimento das relações letra-som e o reconhecimento preciso de palavras (leitura lexical) são prejudicados devido à fraca consciência fonêmica, o que leva a uma baixa fluência (velocidade de leitura medida pelo número de palavras lidas em um minuto) de leitura dos disléxicos, notadamente lenta e silabada, o que prejudica a compreensão do que está sendo lido. A lentificação da leitura dos disléxicos exige um tempo de retenção das palavras na memória de trabalho maior do que seria o esperado para sua integração em frases. Se considerar que os disléxicos também apresentam déficits na memória de trabalho verbal (ou fonológica), estes interagem com dificuldades na conversão letra-som, prejudicando ainda mais a “automaticidade” da leitura, o que acaba interferindo na compreensão.

Os pais recorrem a diferentes atividades, constatando-se que têm noção de que o lúdico e os jogos educativos podem ser instrumentos para propiciar ao disléxico uma abordagem mais agradável na busca de superações, na melhora do rendimento escolar, no desenvolvimento da abstração, da criatividade e imaginação, destacando o fator de desenvolvimento da autoestima (Silva & Silva, 2016).

Diversos fatores influenciam os déficits em uma habilidade acadêmica. Em dificuldades nas habilidades de leitura e escrita, por exemplo, devem ser levados em consideração aspectos relacionados aos processos cognitivos da criança como consciência fonológica; aos fatores comportamentais; ansiedade, motivação, ao seu ambiente; escolarização, situação socioeconômica e fatores neurobiológicos; genética, estrutura e funcionamento do cérebro. Dessa forma, todos esses fatores devem ser avaliados e investigados, a fim de que seja possível realizar uma melhor caracterização e diferenciação sobre as origens das dificuldades (Michelino, Cardoso, Silva & Macedo, 2017).

As várias áreas do cérebro não trabalham isoladas, uma vez que uma dada aprendizagem só pode emergir quando resulta da cooperação sistêmica, melódica e sinérgica das mesmas, assim é também no surgimento das subcompetências e competências simbólicas da leitura e da escrita (Fonseca, 2009).

Quando se identificam vários sinais de dislexia (disfonética, disidética ou mista) ou disortografia também não se pode tomá-los como indicadores fixos ou perpétuos do potencial de aprendizagem, razão pela qual em muitos desses casos clínicos uma prescrição psicoeducacional bem desenhada e implementada em tempo útil, a partir de um diagnóstico cognitivo dinâmico, pode superar e compensar a vulnerabilidade dos componentes e

subcomponentes que participam na cadeia funcional da leitura ou da escrita (Fonseca, 2009).

De acordo com Torres e Fernández (em Coelho, 2014) há três padrões distintos de disléxicos, a dislexia auditiva ou disfonética é caracterizada por dificuldades de integração letra-som, apresentando dificuldade em discriminar os sons das letras e em reconhecer variações dos sons, a soletração não se assemelha à palavra lida, apresentando uma substituição semântica frequente, com alteração de uma palavra por outra de sentido semelhante, o disléxico disfonético não audiabiliza cognitivamente o fonema, possuindo uma inabilidade para entender os sons separados da linguagem oral. A dislexia visual ou diseidética, para Fonseca (2009), é baseada quase exclusivamente na decifração, silabação, isto é, expressam a maior parte das palavras como se as vissem pela primeira vez. O disléxico diseidético manifesta dificuldades na percepção de palavras completas, com substituição de uma palavra ou fonema por outro de sonoridade idêntica. As letras não são reconhecidas como letras, não visualizando cognitivamente o fonema. Por fim a dislexia visuo-auditiva se estabelece como a dificuldade dos sujeitos verifica-se na análise fonética das palavras e na percepção de letras e palavras completas. Provoca uma quase total incapacidade para a leitura. A aprendizagem da leitura no caso de uma criança disléxica é sempre lenta e muito laboriosa em termos de investimento emocional. A equivalência auditivo-visual (fonema-optema), visuográfica (optema-grafema) e auditivo- verbal (fonema-articulema) parece ser bloqueada por um déficit fonológico específico, que afeta o reconhecimento e a utilização rápida de palavras, assim como a sua decodificação e compreensão (Fonseca, 2009).

3.2 Desenvolvimento Biopsicossocial na Infância

Conforme a perspectiva de Piaget (1970), o desenvolvimento da criança não é exclusivamente um processo biológico, mas resulta de explorações e interações com o ambiente, isto é, apesar das limitações físicas, a criança apresenta ações que levam a novas descobertas que, por sua vez, levam a novas explorações. Com isto, um ambiente rico e variado é fonte enriquecedora do desenvolvimento da criança, que resulta da construção de estruturas cognitivas decorrentes de interações do seu patrimônio genético com o ambiente.

O desenvolvimento inicial da criança pode ser considerado, segundo Ajuriaguerra (1983), sob duas formas: a primeira consiste no estudo de suas maneiras de agir e a segunda, na compreensão daquilo que ocorre durante sua evolução, levando-se em conta mudanças biológicas de caráter geral.

Assim, o conhecimento do mundo exterior e do seu próprio mundo interior ocorre através da relação da criança com as pessoas que a rodeia, destacando-se a mãe como fulcro deste conhecimento. A partir desta relação, Ajuriaguerra (1983) denominou acontecer o *diálogo tônico*, característica marcante no ato de amamentar. As impressões táteis da boca permitem à criança experimentar parte de um corpo que começa a expressar sinais de presença num mundo, possibilitando à mesma “*agir e reagir às circunstâncias do meio*. Os movimentos desordenados do recém-nascido impõem um espaço limitado de ação e, conseqüentemente, a sua consciência corporal estrutura-se paulatinamente por fragmentos, à medida que novas sensações e explorações corporais são vivenciadas.

Neste sentido, Ajuriaguerra (1983) enfatiza que a criança será mais tarde capaz de descobrir que estas diversas partes correspondem a uma totalidade que é seu corpo. Dessa forma, com a evolução maturativa da percepção e a evolução cognitiva, a criança irá adquirir uma consciência do próprio corpo. A autora afirma que as primeiras sensações recebidas do mundo exterior são advindas dos estímulos da gênese da preensão (viso-manual), na qual a criança inicia a exploração do seu corpo e das pessoas que a cercam; da autonomia, conferida pela marcha, em que a criança aumenta as suas possibilidades de relação cinética espacial e, com a evolução da linguagem, se adquire o desenvolvimento da consciência corporal, como resultante de um jogo de relações que perdurará durante toda a existência do indivíduo.

O bebê, ao encontrar o seio, conforme Winnicott (1956/2000) encontra seu próprio *self*, experimenta o existir e isso está diretamente relacionado à capacidade da mãe em ser suficientemente boa, possibilitando o bebê de *ser*. Caso contrário, o bebê precisa se desenvolver sem a capacidade de *ser*, ou sob uma forma mutilada de ser.

Piaget (1954/2014) considera que as estruturas cognitivas e afetivas da criança e as do adulto são qualitativamente diferentes, conhecer a noção de criança na obra piagetiana significa estudar as características dos estágios no que tange à cognição, à moralidade e à afetividade, já que formam uma unidade inextricável.

Para Galvão (1999), as emoções são uma forma de comunicação que, sobretudo no recém-nascido, constitui a maneira de se relacionar com o novo meio ao qual está exposto, usando-as para expressar seus sentimentos de solidão, fome, alegria, tristeza, incômodo, entre outros. Com o passar do tempo, a comunicação emocional vai sendo substituída por outra forma mais racional de comunicação. A criança, crescendo, aprende novas maneiras de se relacionar com os outros e novas formas de saciar seus desejos.

O sistema nervoso fica cada vez mais capaz de controlar as emoções, deixando o raciocínio tomar posse das atitudes. Então, novas *técnicas* de relacionamento interpessoal se desenvolvem e se tornam mais eficazes, como é o caso da fala. Apesar de exibir uma linguagem verbal bem desenvolvida, a criança menor de seis anos ainda utiliza intensamente a linguagem emocional. O choro, as expressões corporais e faciais permitem ao professor perceber seu aluno, isso precisa ser analisado na prática pedagógica (Galvão, 1999).

Enquanto isso, o choro é o primeiro meio de comunicação do bebê, algumas expressões de sons vocais surgem entre seis semanas e os três meses, seguindo com brincadeiras com os sons da fala, numa combinação com os sons que ouvem de pessoas que estejam ao seu redor. Entre seis e dez meses surgem os balbucios, que para a família já representam as primeiras palavras do bebê, porém o balbucio não é linguagem real, pois não guarda significado para o bebê, ele apenas é semelhante ao som das palavras (Papalia & Feldman, 2013).

Segundo Piaget (1970), o desenvolvimento perceptivo e cognitivo se trata da atividade mental ou cognitiva no primeiro ano de vida, as funções cognitivas têm sua gênese desde o nascimento, decorrendo da própria atividade reflexa, hereditária ou biológica como postula. A organização cognitiva, representação mental ou conceituação de uma situação específica pela criança, resulta da integração de comportamentos sensório motores possíveis de serem observados e que podem ter decorrido, inicialmente, do desenvolvimento de reações reflexas que, através da ação infantil sobre o ambiente, vão resultando na construção da inteligência. O desenvolvimento da linguagem e a aquisição da mesma só irão ocorrer entre o segundo e terceiro ano de vida, conforme Piaget (1970).

Experiências, como o andar, já caracterizam relações mais elaboradas de confiança e autonomia, que certamente foram estimuladas e desenvolvidas de modo favorável nos primeiros meses de vida da criança, permitindo o desenvolvimento, no sentido de sair do envolvimento com a mãe. Erikson (1998) aborda a grande importância dos anos iniciais para o desenvolvimento, porém, não deu ênfase à centralização dos instintos e impulsos, focalizando, em seu lugar, o surgimento gradativo de um senso de identidade que ocorre pela interação do sujeito com seu meio ambiente.

O primeiro dos oito estágios apresenta a crise de confiança básica versus desconfiança, demonstra que o comportamento do principal provedor de cuidados (comumente, a mãe) é fundamental ao estabelecimento, pela criança, de um senso de confiança básica. Para que ocorra uma finalização bem-sucedida dessa tarefa, o genitor

precisa amar com consistência e reagir de maneira previsível e confiante para com a criança. Aqueles bebês cujos cuidados iniciais foram erráticos ou severos podem desenvolver desconfiança, seja qual for o caso, a criança carrega esse aspecto de identidade básica ao longo de seu desenvolvimento, influenciando a solução das tarefas contidas nos estágios posteriores (Erikson, 1998).

Durante seu desenvolvimento, a criança passa por um processo de adaptação, devido às exigências do meio em que vive, tentando adequar-se às pressões ambientais, sendo que esse processo exige da criança esforço, que conseqüentemente gera conflitos próprios dessa fase. Assim, cada etapa tem sua problemática específica oriundas do desenvolvimento (Winnicott, 1975). A criança vivencia um processo constante de apreensão e, passa a exprimir comunicação e padrão de expressões de forma autêntica ao seu ambiente, em meio às tentativas de dar conta das respostas às quais ela está sendo estimulada. Segundo Winnicott (1975), através do brincar a criança ou o adulto utiliza sua liberdade de criação, podendo ser criativos e utilizar sua personalidade integral para a descoberta de seu eu (*self*).

Nesse sentido, Aberastury (1992) afirma que se o adulto fornecer brinquedos de difícil manejo e a criança compreender que deverá saber usá-los, propiciará frustração e dor por sua incapacidade. A criança não necessita de muitos brinquedos, mas de espaço suficiente para se sentir livre e fazer do brinquedo o uso que quiser, pois como Winnicott (1975) considera, todo brinquedo que leva à exaustão física perde a capacidade simbólica, no brincar a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.

Winnicott (1975) enfoca o espaço da relação paciente-terapeuta como fenômeno transicional. O lugar de origem do fenômeno transicional é o espaço potencial entre o bebê e a mãe. A partir das experiências vividas entre ambos, de como ocorreu essa relação, é que os fenômenos transicionais, bem como os prováveis objetos transicionais, irão ocupar esse espaço. O brinquedo, sob forma de objeto transicional, é a via de passagem do estado de fusão com a mãe, ao estado de relação com o outro, ou seja, a mãe percebida como separada do bebê.

3.3 Aspectos Fundamentais das Funções de um Sistema Familiar

A família, de modo geral, é uma construção social, uma vez que representa um modo de agir e de pensar coletivo, que evoluiu ao longo do tempo em relação à organização e funcionamento da sociedade (Dias, 2001).

Winnicott (1982) ressalta que os pais, especialmente a mãe, auxiliam determinantemente na transição e relação da criança do seu mundo interno com o externo, mediando experiências, apresentando o mundo, primeiros objetos ou símbolos funcionais do ambiente familiar, do contexto social no qual está inserida. Para o autor, quanto melhor e suficiente desempenhar sua função de apresentar o mundo e cuidar, a mãe sustenta e maneja relações positivas com a criança, proporcionando melhores possibilidades de promover um desenvolvimento suficientemente saudável para as demais fases do processo.

O ambiente familiar é o primeiro ambiente social da criança, o qual deve ser rico em estimulação para com as primeiras experiências, dentre elas as que potencializam o desenvolvimento da linguagem, permitindo que a criança se comunique mais ativamente e com maior complexidade. Winnicott (1967/1983) referiu-se ao pai para além da questão da provisão de cuidados práticos em família, atribuiu, posteriormente, ao pai e à família, a mesma condição de espelho, inicialmente assumida pela mãe, por meio da qual a criança poderá reconhecer-se e sentir-se existente e real, alcançando uma maturidade emocional.

Assim contemplando a importância da existência de um terceiro a se aproximar e interferir na peculiar relação da dupla mãe e bebê, destacando sua contribuição direta na teoria do desenvolvimento do *self* do bebê. O pai, enquanto terceiro, pode alcançar, ou não, êxito na tarefa de apresentar-se como diferente, de acordo com sua maturidade emocional e com a história da mãe (Winnicott, 1967/1983).

Algumas diferenças culturais importantes na perspectiva winnicottiana que parecem estar em transição hoje, entre as quais, aquela que consiste em deixar parte da moção do ódio de um filho dirigida ao pai, enquanto a mãe permanece como a destinatária do amor. Sendo assim, as funções maternas ou paternas e suas variáveis culturais, remetem, inevitavelmente, às origens e atribuições de aspectos femininos e masculinos na constituição subjetiva, os quais também poderão ser abordados, conforme o modo estabelecido pelo contexto social, discussão esta que se faz premente, dadas às inusitadas formas de organização familiar da contemporaneidade (Winnicott, 1967/1983).

O ambiente social, ao mesmo tempo, é estimulante e desafiador. A relação mãe-bebê exige respostas coerentes da criança, pai e familiares próximos, os quais estão sempre interagindo verbalmente e/ou se expressando através de gestos, sons, objetos e cores, caracterizando-se como agente socializador da criança ao seu meio, configurando a interação e respostas aos aspectos desafiadores para a criança em seu ambiente. As primeiras experiências da criança são constantemente mediadas e a própria mediação imprime estímulos desafiadores para o desenvolvimento (Afonso, 2015).

Minuchin (1982) valoriza a estrutura familiar e segue mapeando fronteiras, regras, direção da funcionalidade familiar, padrão de organização das interações, repetições de comportamentos, coalizões, dinâmica de interação. A abordagem dá grande valor à análise e intervenção nos subsistemas, que são grupos demarcados por fronteiras internas, como o subsistema fraternal, o conjugal, o feminino, o masculino, etc. Os pressupostos definidos pela escola estrutural (Minuchin & Colapinto, 1999), como configuração, estrutura, fronteiras, sistema, subsistemas e papéis, devem ser considerados como o aporte teórico que orienta o entendimento da família. No entanto, não se pode perder de vista o desafio de ampliá-los e compreender sua expressão nas famílias atuais. As concepções se entrecruzam em determinados pontos, como a construção de laços entre os sujeitos, quer sejam eles consanguíneos, consensuais, jurídicos ou afetivos. Tais laços revelam movimentos entre seus membros que os atam e desatam, fechando-se, ou abrindo-se para o mundo e para a vida. De acordo com Minuchin (1982), o sentido de pertencimento de cada membro é influenciado por seu sentido de pertencer a uma família específica.

Nessa linha de pensamento, é fundamental questionar, na contemporaneidade, as concepções acerca de vínculos consanguíneos, casamento, aliança e filiação (Costa, 2003). A forma como cada subsistema se organiza e como se desenvolvem as relações dentro de cada um, chama-se estrutura familiar, todas as famílias se instituem através de uma estrutura de relações, esta organização é específica e única de cada família, traduzindo a forma como se organizam os diferentes elementos e se relacionam entre si. Desta forma, a estrutura familiar é fruto de transações e comunicações repetidas que levam à definição de padrões de relação (Dias, 2001). Todo o subsistema familiar possui funções e demandas específicas, sendo assim, os sistemas e subsistemas familiares devem ser suficientemente estáveis para manter a continuidade e flexíveis o bastante para acomodarem-se às mudanças contextuais e evolutivas que acompanham a família ao longo da vida (Nichols & Schwartz, 2007).

O subsistema conjugal é formado por duas pessoas adultas unidas entre si por laços afetivos e tem como característica principal a constituição de um par que se une com a finalidade de constituir seu próprio sistema familiar (Minuchin, 1982). Por sua vez, o subsistema parental é o subconjunto da família derivado do subsistema conjugal, que surge a partir da chegada do primeiro filho e as consequentes incorporações de papéis de pai e mãe. Estes papéis estão ligados à identidade pessoal, social e psicossocial de cada indivíduo (Osório & Do Vale, 2004).

Além dos subsistemas conjugal e parental, outro subsistema pode estar presente nos núcleos familiares: o subsistema fraterno. Este é o espaço considerado como o primeiro laboratório social em que as crianças podem experimentar relações com seus iguais e, posteriormente, utilizam-se desse conhecimento nas relações interpessoais fora do sistema familiar. A partir dessas interações, as crianças desenvolvem capacidades para fazer amigos e aliados, negociar, cooperar, competir, ter prestígio e o reconhecimento de suas habilidades, preparando-se para as relações sociais que irão vivenciar fora do âmbito familiar (Minuchin, 1982; Silveira, 2002).

As fronteiras são barreiras invisíveis que demarcam os indivíduos, os subsistemas e todo o sistema familiar (Nichols & Schwartz, 2007). As famílias criam fronteiras com a função de delimitação emocional, estabelecendo barreiras que regulam a permeabilidade das emoções entre os membros. As duas principais funções das fronteiras são as de proteção e diferenciação dos indivíduos frente ao sistema (Miermont, 1994; Minuchin, 1982).

A função de proteção está relacionada à capacidade de definir uma fronteira permeável ou semipermeável frente às trocas estabelecidas entre os subsistemas. Por isso a importância da função de diferenciação, assim, com a possibilidade de promover a diferenciação entre os subsistemas, as fronteiras acabam selecionando quem participa (e quem não deve participar) de um determinado subsistema e, além disso, também definem como deve acontecer esta participação. Por exemplo, a fronteira que estabelece limites entre o subsistema conjugal e parental define os assuntos das conversas que devem ocorrer somente entre o casal, sem a presença dos filhos (Miermont, 1994; Minuchin, 1982).

Minuchin (1990) ressalta que a estrutura familiar é formada por um conjunto de regras encobertas que determinam os relacionamentos entre seus membros. Essas transações relacionais localizam o lugar de cada membro da família, estabelecendo seu papel e a forma com que é exercido. Quando repetidas, as transações relacionais formam padrões permanentes que são chamados de padrões transacionais, e são estes que dão a identidade e, ao mesmo tempo, mantêm a estrutura familiar tal como se apresenta, regulando o modo como seus membros se relacionam.

MÉTODOS

4.1 Delineamento

Para analisar um conhecimento considerado científico, é imprescindível identificar operações técnicas e mentais, determinando o método que se utilizou para a construção desse conhecimento. Determina-se método como um percurso para algo, e método científico como uma junção de processos técnicos e intelectuais adotados para chegar à descrição do conhecimento (Laville & Dionne, 1999).

Os mesmos autores ainda afirmam que o método é uma ferramenta que assinala algumas regras, aponta um processo que norteia a realização da pesquisa, se baseando em regras fáceis e objetivas. As regras são descritas por Cervo, Bervian e Silva (2007), como processos empregados na investigação e na demonstração da verdade, dependendo fundamentalmente do objeto de estudo. Foi utilizado o filme *Como Estrelas na Terra*, que possui direção de Aamir Khan, tendo sido lançado no ano de 2007.

Para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. Segundo Minayo (2008), a pesquisa qualitativa é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada.

De acordo com Gil (2008), as pesquisas bibliográficas são desenvolvidas a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Partes dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo

4.2 Fontes

O artefato cultural utilizado para ilustrar aspectos teóricos foi o filme indiano *Como Estrelas na Terra* lançado em 21 de dezembro de 2007, com direção de Aamir Khan e roteiro de Amole Gupte. O longa retrata a vida de Ishaan, personagem central do filme, um menino com nove anos de idade que apresenta dislexia, distúrbio genético e neurobiológico que afeta milhões de pessoas no mundo. Logo no início do filme uma

animação é evidenciada para se entender a imaginação e o modo que Ishaan percebe o mundo.

O transtorno de aprendizagem, especificamente a dislexia, que o personagem possui é até então desconhecido e encarado como banal pela família e pela escola em que estuda, fazendo com que professores e diretores sugiram aos pais do garoto que façam a transferência do menino para uma escola de crianças com deficiências mentais, pois ele não consegue acompanhar o rendimento da turma. Assim, Ishaan deixa sua escola para estudar em uma instituição que impõe aos alunos rígidas normas de comportamento, sua mãe sente muita saudade do filho, porém aceita o distanciamento e o menino fica deprimido por estar vivendo longe de sua família. No internato, o menino começa dar sinais de desestímulo perante o estudo, até sua paixão pela pintura é abandonada por um tempo.

Assim como anteriormente, os professores da atual escola estão preocupados apenas em preparar os alunos para o mundo da competição e excelência, o que continua prejudicando a criança, pois os professores não percebem as individualidades de cada aluno e suas habilidades também. Essa percepção se dará após a contratação de um novo professor de artes chamado Nikumbh, que, ao chegar, muda os conceitos de educação estabelecidos na escola, criticando, também, a maneira como as disciplinas eram aplicadas e passando a ensinar de forma mais didática o que era necessário aprender. Sua metodologia de ensino é baseada na criatividade de expressão e no dinamismo. Num ato de solidariedade, esse professor se dedica a ajudar Ishaan, que sempre foi discriminado e descobre, no garoto, um enorme talento para as artes, conquistando respeito e admiração de todos pela sua grande capacidade em fazer algo que muitos não teriam habilidade.

Portanto, partes desse filme atendem ao objetivo geral que se refere às percepções de uma criança com dislexia e a relação familiar envolvida na situação, sendo possível identificar, no mesmo, as referidas concepções, para uma compreensão do fenômeno em si.

4.3 Instrumentos

Laville e Dionne (1999) informam que existem diferentes métodos para coleta de dados de informação que podem ser utilizados em pesquisas, os quais variam de acordo com a necessidade do pesquisador. O recurso utilizado para organização dos dados foi à construção de uma tabela, dividida em categorias e cenas específicas, recortando do filme as principais cenas, buscando elucidar as percepções da criança com transtorno disléxico, bem como de sua família.

4.3 Procedimentos

Para a construção da revisão de literatura, utilizou-se a pesquisa bibliográfica referente ao tema, buscando melhor compreender as implicações familiares advindas de crianças com dislexia do desenvolvimento, um transtorno específico de aprendizagem. Para tal análise se fez o uso de livros encontrados na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e no acervo pessoal, referentes a dificuldades em crianças durante a idade escolar, o desenvolvimento biopsicossocial na infância e as relações familiares. Os artigos foram obtidos na base de dados BVS-Psi e Scielo. Os principais descritores foram relações familiares, dificuldades escolares, desenvolvimento e infância.

Foi utilizado material de áudio e vídeo, *Como Estrelas na Terra*, explorado com o propósito de exemplificar conflitos advindos de uma criança com dislexia. Além disso, com as categorias e cenas definidas a partir do agrupamento de recortes do filme, se elaborou uma tabela, com as cenas recortadas e descritas, com suas respectivas categorias de análise, para posterior discussão dessas informações.

4.4 Referencial de Análise

A análise de conteúdo foi o referencial escolhido. A definição de categorias analíticas se constitui por elementos de conteúdos agrupados por sentido, sendo subdividido em modelo aberto, fechado e misto. O processo permite uma análise mais aprofundada dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados.

De acordo com Laville e Dionne (1999), um método que possibilita ao pesquisador um vasto caminho para a cientificidade, as categorias serão apresentadas em um modelo aberto, sendo definidas *a posteriori*, tomando forma no decorrer da análise do conteúdo.

Para Laville e Dionne (1999), o uso de cenas com conteúdos possibilita ao pesquisador organizar e reunir elementos fundamentais da obra, integrando-os à revisão de literatura, utilizando-se a estratégia de emparelhamento, na qual há uma união entre o problema de pesquisa e os principais conceitos descritos neste trabalho.

RESULTADOS

A seguir, na Tabela 1, constam as categorias contendo os recortes cenográficos do artefato cultural definido.

Tabela 1

Categorias e Recortes Cenográficos

Categorias	Cenas
I. Percepções de Ishan (incapacidades e período escolar)	<p>1. Dispersão frente às situações</p> <p>A. Durante uma de suas aulas na escola, Ishaan fica distraído, olhando pela janela, uma poça de água. A professora informa qual página, capítulo e parágrafo são necessários ler e pede ao menino que faça a leitura da primeira frase destacando os adjetivos. É necessário que outro colega ajude Ishaan a se localizar quanto à página do livro, ao abrir não consegue pronunciar as palavras e relata, “As letras estão dançando!”, todos os colegas riem da situação e a professora exige que Ishaan leia. “Leia a frase em alto e bom som!”, o menino fica nervoso e irrita a professora que o expulsa da sala de aula. Permanece durante todo o período, no corredor da escola, quando outros alunos passam por ali, relatam “De castigo outra vez?”, “Já deve estar acostumado!”. (22m:27s)</p> <p>B. Na visita dos pais à escola Ishaan permanece em silêncio, sentindo-se desanimado com tudo ao seu redor, o irmão Yohan compra um pacote com tintas de aquarela, mas o menino nem sequer abre o presente. A cena é composta por uma música que diz “Meus olhos estão vazios, até as lágrimas me abandonaram, todos os sentimentos me deixaram”. Rajan, seu colega de aula, encontra Ishaan, apoiado em um alto terraço, o amigo corre imediatamente até ele, preocupado com que Ishaan possa fazer lá em cima, demonstra estar alheio ao seu entorno, o menino permanece distraído, observando o horizonte, assim como, à altura do local</p>

onde se encontra. O amigo Rajan, que possui uma deficiência física, se apoia em muletas para caminhar, e grita para que Ishaan desça do terraço, caí no chão ao correr em direção ao colega, só então Ishaan percebe sua presença. (01h:07min:14s)

2. Não adaptação à escola C. No colégio interno não consegue vestir seu uniforme sozinho, tem dificuldades para abotoar as roupas e colocar sua gravata, assim como seguir as rígidas regras do colégio. Na aula de português, o professor solicita que explique o significado de um poema, relatando sua própria interpretação. O professor não aceita a definição e pede a outro menino que explique novamente. Ishaan vê as palavras se movendo no caderno, muitas vezes ficando irritado com a cobrança dos professores, como ao jogar seus livros na lixeira. Na aula de artes também não consegue seguir as orientações de outro professor, que o castiga com palmadas de régua nas mãos, “Quero formas perfeitas no desenho, senão mais cinco palmadas na outra mão!”. Ishaan se torna amigo de um colega com ótimas notas, Rajan, e lhe pergunta “Você é sempre o melhor da turma, porque seus pais mandaram você para cá?”, “Porque te deram um castigo desses?”. O menino explica que seu pai é funcionário e que a escola não é apenas para quem deve ser castigado. (57h04min)

3. Isolamento, sem enfrentamento da situação D. Ishaan não demonstra o mesmo interesse que tinha na presença da família, se sentindo triste e perdido, acredita que não lhe querem por perto. Permanece sozinho na maior do tempo e no fim de semana. Os pais não conseguem comparecer em razão do jogo de tênis de Yohann, o irmão mais velho. “Não poderemos estar aí na visita, seu irmão disputará a

final de tênis, ele está muito nervoso!”. Ao receber a ligação da mãe, Ishaan desliga o telefone em silêncio, antes da mãe se despedir, e chora ao deixar a sala. Permanece longos períodos sozinho, o diretor da escola percebe o comportamento do aluno e lhe diz “Onde você esteve? Por onde você ficou viajando desta vez”? , não buscando compreender o que acontece com Ishaan. (01h:20m:00s)

4. Fuga, saída da escola E. Um colega de Ishaan lhe pergunta sobre o dever de matemática, assim como as provas assinadas pelos pais, que foram solicitadas pelo professor. As outras crianças alertam Ishaan que ele será punido, gerando preocupação no menino. Para evitar a aula, ele sai da escola e caminha sozinho pelas ruas da cidade, atravessando fora da faixa de pedestre, passando por lugares movimentados e vendo diferentes realidades. No caminho, Ishaan observa pessoas trabalhando em obras, pessoas andando de ônibus, crianças brincando e, as exposições de arte nas ruas, ficando distraído com cada detalhe do que acontece. A cena se desenvolve ao som de uma música que fala sobre liberdade, “Meu mundo uma vez revelado, irá impressionar à todos, flutuo como um pássaro, eu só quero ter mil asas para voar”. Ao retornar para a escola, Ishaan demonstra muito cansaço e dorme no ônibus escolar, ninguém percebe sua saída. (26m:45s)

II. Percepção dos pais

1. Não aceitação em relação à condição do filho F. Após reunião na escola, os pais voltam para casa com Ishaan, se questionam onde falharam na educação do menino. A diretora relata “Algumas crianças têm menos sorte que outras!”, o pai diz para a esposa “Elas pensam que nosso filho é um retardado, que deveria ir para uma escola especial!”, “Como podem dar atenção para vários alunos ao

mesmo tempo?”relata o pai Nandkishore. “O que fiz de errado?”, a mãe Maya relata chorando “sacrifiquei minha carreira pelas crianças, é uma luta diária fazê-lo estudar!”, o pai relata que o filho precisa de uma educação além da que está tendo, com mais regras e com punições, caso não cumpra com o que é esperado. Ishaan permanece sentado no banco do carro ouvindo a conversa dos pais, com a cabeça baixa e em silêncio. (46m: 00s)

2. Sentimento de culpa G. Através de vídeos da infância, Maya relembra o desenvolvimento do filho Ishaan, os momentos em família, o choro do filho no primeiro dia de aula, os medos presentes na primeira vez que o menino conseguiu caminhar, as pequenas conquistas como os prêmios ganhos em competições, que os pais acompanharam com orgulho na platéia durante a premiação. A relação com todos da família, onde Ishaan demonstrava alegria, brincando com o irmão pela casa e divertindo-se com os pais. Ao final Maya chora com as lembranças, permanece algum tempo olhando para a tela da televisão e surge com expressão de tristeza, guardando as fitas em uma caixa. (01h:47m:29s)

- III. Interferência da figura do professor**
1. Explicação do professor sobre dislexia aos pais H. Ram vai até a casa de Ishaan e conversa com os pais do menino, na busca em compreender o que acontece com seu aluno descobre as pinturas que o mesmo realizava antes de ir para a nova escola, percebe a repetição dos erros ortográficos nos cadernos de aula. Explica a família o que acontece com Ishaan, introduzindo o conceito de dislexia, e também outras consequências no comportamento, como a coordenação motora prejudicada e a dificuldade em seguir múltiplas ordens. “Vocês notaram um padrão que se repete em seus erros?”,
-

“Vejam seus cadernos, ele confunde as mesmas letras, o H e o T são sempre imagens refletidas!”, “Distintas grafias na mesma página, ele não aprendeu escrever errado, apenas confunde, pois são similares, como as palavras anda e nada!”, “seu filho não consegue ler a palavra portanto não entende o significado!” “Yohan seu irmão consegue pegar a bola? “Ele nunca consegue!”, Ram explica “Ele não consegue relacionar tamanho, distância e velocidade!” “Imaginem o que ele deve estar enfrentando, falhando em tarefas simples, sua autoconfiança deve estar destruída!”, “Escondendo suas inabilidades através de seu mal comportamento, assim que ele enfrenta o mundo!” (01h:36m:37s)

2. Explicação do professor sobre dislexia aos alunos I. O professor Ram explica aos alunos, através de uma história, o que acontece quando alguém não consegue ler e escrever, Ishaan compreende que o professor está falando de suas dificuldades e sente medo que lhe exponha frente aos colegas. O professor Ram apresenta exemplos de grandes pensadores que também possuíam as mesmas dificuldades, como Albert Einstein, Leonardo da Vinci, Walt Disney entre outros, ressaltando que com coragem e empenho eles venceram suas limitações na escrita e conquistaram o mundo através de seus trabalhos. Demonstra no quadro como é a escrita de alguém com dislexia, sendo as letras invertidas, como se fossem refletidas por um espelho. (01h:49m:13s)
3. Auxílio, professor busca ajuda com diretoria da escola J. Ram procura o diretor da escola para falar sobre o caso de Ishaan. O diretor antecipa que relata já imaginar o que o professor tem para dizer sobre o novo aluno, porém, é surpreendido com as constatações de Ram, que novamente explica sobre o

que se trata a dificuldade de aprendizado de Ishaan, pois como suas pinturas demonstram, sua inteligência é acima da média para a idade que se encontra. Ram propõe ao diretor que solicite aos demais professores que, por enquanto, desconsiderem a letra e a ortografia do aluno, e se disponibiliza a realizar atividades extra classe com Ishaan, onde suas dificuldades sejam trabalhadas oralmente, buscando a melhora gradual no rendimento do aluno. O diretor aceita a condição proposta. (01h:59m:20s)

DISCUSSÃO

Inicia-se essa discussão delineando possíveis entendimentos sobre as percepções de Ishaan, quanto à dislexia e os conflitos envolvendo o âmbito familiar, fazendo uso de recortes de cenas que visam ilustrar seu isolamento, juntamente com o sentimento de anormalidade frente aos outros, devido às dificuldades com a leitura.

Galvão (2000) salienta que durante a infância é fundamental identificar as percepções, uma vez que a criança reage corporalmente aos estímulos exteriores, adotando posturas ou expressões, isto é, atitudes, de acordo com as sensações experimentadas em cada situação. É como se a excitação provocada se espalhasse pelo corpo, imprimindo-lhe determinada forma e consistência e resultando numa impregnação perceptiva, por meio da qual a criança vai tomando consciência das realidades externas. É por meio desta que a criança torna-se capaz de reproduzir determinada cena após tê-la presenciado, ou seja, de imitar. O estudo desta temática se estabelece de importância para a compreensão do desenvolvimento infantil, diante do fato de que suas percepções geram implicações em sua relação consigo mesma e com o social.

Almeida (1997) afirma que a criança, no início de sua vida, é emocional por excelência, o que fará com que se manifeste por meio da emoção. Quando a criança vai para a escola, leva consigo todos os conhecimentos já adquiridos, bem como os prenúncios de sua vida afetiva. Estes aspectos se relacionam, interagindo de forma significativa sobre a afetividade do conhecimento. Com isso, a escola, bem como todos os envolvidos no exercício de promover a socialização, possui papel de grande relevância no desenvolvimento infantil.

A emoção depende do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam como uma espécie de combustível para sua manifestação. Em situação de crise emocional, quando o sujeito mergulha completamente nos efeitos da emoção e perde o controle sobre suas ações, a tendência é que os efeitos da emoção se desvançam caso não ocorra reações por parte do meio (Galvão, 2000).

No caso de Ishaan, o menino se sente incompreendido por todos ao seu redor após a mudança de escola, não compreende a razão pela qual os pais lhe afastaram, sendo que o atual colégio é em tempo integral. A criança interpreta a situação como um castigo, devido ao seu comportamento na escola anterior. Ishaan não expõe o que sente, e afasta-se de todos da escola, permanece nas aulas em silêncio e passa diversos momentos do dia sozinho, podendo-se pensar que esteja com dificuldade de adaptação, ou até um pouco

deprimido. A escola impõe severas regras aos alunos e os professores não percebem a dificuldade de Ishaan em relação à escrita e à leitura, exigindo da criança um desempenho escolar similar aos demais alunos.

Para Machado (2004), há nas escolas uma padronização do método e uma normatização dos estudantes, o que pode acarretar em certa negligência de singularidades e potencialidades. O aluno que não se adapta ao sistema é geralmente responsabilizado, e isso gera a produção de desigualdades, fracassos e humilhação. O menino Ishaan está consciente de sua dificuldade, pois vem enfrentando os mesmos problemas desde o início da vida escolar, apontado na escola como indisciplinado e incapaz de aprender, seja pelos colegas ou professores. O sentimento que se evidencia na criança, é a percepção que o mesmo possui de si próprio como diferente dos demais, nunca conseguindo enfrentar as situações, e demonstrando, através de brigas e provocações, um comportamento de oposição a todos.

A categoria, percepções de Ishaan, divide-se em três subcategorias, a primeira apresentada é, dispersão frente às situações. No recorte A, durante uma das aulas de português a professora pede para que Ishaan realize a leitura, pois identifica sua dispersão durante a aula, o qual está olhando, através da janela, uma poça de água na rua. O menino necessita ser auxiliado por outro colega, irritando a professora com seu comportamento. Na cena Ishaan relata que as letras se movem e sua dificuldade não é compreendida na escola. Assim, pode-se pensar que os professores da escola não compreendiam as dificuldades do menino. No momento da aula, a professora interpretou que o aluno estava disperso para evitar realizar o que foi solicitado, não buscando compreender a razão deste comportamento, dessa forma, a professora também considerou que a postura do aluno foi desrespeitosa, expulsando-o da sala com gritos e demonstrando reprovação.

Para Shaywitz (2003), é indispensável que os pais e professores fiquem atentos aos modos da criança e saibam distinguir dislexia de preguiça, cansaço ou falta de disciplina. A dislexia representa uma dificuldade específica de leitura e não nas habilidades de pensamento, reflete um problema no âmbito da linguagem que, não sendo generalizado, se situa num componente específico do sistema de linguagem, o módulo fonológico, sendo que esta é a parte do cérebro onde os sons da linguagem são reunidos para formar as palavras e onde as palavras são separadas nos sons que a constituem. As crianças, no início da alfabetização, quando começam a apresentar atraso na aquisição da leitura e da escrita, tanto escola quanto família precisam intervir precocemente para que isto não gere, na criança, frustração e abandono escolar. Quando a dislexia é diagnosticada e tratada

precocemente, os impactos emocionais e comportamentais são evitados e a criança consegue suprir suas dificuldades e prosseguir no processo de alfabetização.

As situações apresentadas no recorte A. podem ser entrelaçadas às do recorte B. frente ao comportamento de Ishaan, evidenciando a desatenção nas situações. No momento que Rajan, o colega de escola, grita com Ishaan para descer do terraço, o mesmo aparenta não ter ouvido o chamado e permanece com o olhar distante. Nas cenas anteriores, a família de Ishaan comparece na escola, não se evidencia reação da criança, seja para expressar o que sente ou o que acontece durante as aulas, Ishaan permanece distraído e corre pelo pátio da escola sem motivo aparente.

A atenção pode ser definida como a capacidade de o indivíduo responder predominantemente aos estímulos que lhe são significativos, cabe diferenciar, ainda, as Funções Executivas, que se referem ao grupo de habilidades cognitivas que auxiliam o indivíduo na realização de tarefas dirigidas às metas e de maneira independente. Tanto a atenção como as funções executivas possuem relação com a habilidade de leitura e escrita, na medida em que atuam em todas as etapas do processamento das informações: recepção dos estímulos, processamento, planejamento e organização de respostas (Lima, Azoni & Ciasca, 2013).

O menino não se adapta à escola, as normas deste local exigem que os alunos vistam seu próprio uniforme escolar, o que para Ishaan é muito difícil, assim como amarrar os sapatos, abotoar a camisa, jogar bola com outras crianças, cenas evidenciada no recorte C. Ishaan fica perdido com as recentes mudanças ocorridas em sua vida. Da mesma forma como na cena A., os demais professores do novo colégio seguem apontando os erros de Ishaan, sem compreender a dificuldade de leitura e escrita, sendo que ocorrem agressões físicas, como palmadas nas mãos dos alunos com régua, quando não conseguem realizar o que é solicitado. Ishaan acredita que está na escola como uma forma de castigo, vinda de seus pais.

Centrando-se no processo de aprendizagem, a diversidade de programas motores que a criança experimenta desde muito cedo seja a nível global, na fala, atos motores, pode-se relacionar a dificuldades psicomotoras com perturbações na linguagem oral e escrita, em tarefas de reconhecimento esquerda e direita, imitação de gestos, noção do corpo, que envolvem noções espaço-temporais; mudanças de direcionalidade; descentralização do Eu; memorizações, combinações e sequencialização de padrões motores fundamentais.

Pode-se pensar que o comportamento que Ishaan apresenta em relação à coordenação motora, pode estar relacionado à dislexia, transtorno este que sugere dificuldades similares, como não conseguir relacionar tamanho, velocidade e distância, entre outras características (Dias & Mesquita, 2013).

No recorte D, podem-se perceber as consequências advindas da mudança de escola e a falta da presença da família na vida de Ishaan. Os pais não conseguem visitar o filho devido ao campeonato de tênis de Yohann, irmão mais velho de Ishaan. Ao receber a notícia, o menino fica inconsolável, se recusa a falar com a mãe por telefone, permanece em silêncio e não reage em nenhum momento, permanece longos períodos do dia sozinho pela escola, o diretor da escola percebe o comportamento e pergunta em tom de deboche “Onde você estava, por onde ficou viajando desta vez?”, atos que fazem com que Ishaan se afaste ainda mais de todos ao seu redor, incompreendido.

Lipp (2004) denomina estresse como sendo um estado de tensão que causa uma ruptura no equilíbrio interno do organismo, causando um desequilíbrio, no qual automaticamente faz-se um esforço para restabelecer a homeostase interior. Quando se conseguem estratégias para enfrentar o que causou esse desequilíbrio, o estresse é eliminado e volta-se ao normal, porém, em muitas situações, essa fonte de estresse pode ser grande e permanente, causando tensão emocional e problemas no corpo e na mente do sujeito. O que gera estresse é chamado de estressor, que poderá ter sua origem em fontes externas e internas.

O estresse está relacionado a estados de ansiedade e medo, sendo a ansiedade um sentimento difuso de medo diante de algo que não se sabe exatamente o que é, cuja percepção é de uma ameaça. Geralmente está relacionada a uma expectativa de que algo ruim pode acontecer. O medo é específico a alguma coisa real com tendência à fuga ou evitação de confronto. Todo ser humano, inclusive as crianças, desenvolvem ansiedade e estresse devido a fatores ambientais e predisposição genética. A ansiedade e o medo são reações fisiológicas que fazem o indivíduo fugir ou lutar diante de situações adversas. Ou seja, o estresse surge a partir de uma fonte estressora, que geralmente é uma situação na vida que ultrapassa a capacidade de adaptação do indivíduo ou da criança. O estresse pode ser criado pela própria criança, de acordo com sua maneira de perceber a si mesma e ao mundo a sua volta, tal como afirma Biaggio (em Lipp, 2004).

A teoria acima citada leva a reflexões acerca do recorte E, no qual Ishaan vivencia uma situação estressante na escola, os colegas lhe avisam sobre a possível solicitação do dever de matemática, bem como, as provas que deveriam ser assinadas pelos pais e

entregues na aula. O menino fica com medo das punições que podem advir da professora e decide sair da escola desacompanhado. No caminho observa pessoas trabalhando em obras, pessoas andando de ônibus, crianças brincando e, as exposições de arte nas ruas, ficando distraído com cada detalhe do que acontece pelas ruas.

Segundo Landeira-Fernandes e Cruz (2007) a ansiedade é o resultado de uma atividade de um sistema saudável denominado medo. Este sistema é responsável pelo processamento de estímulos de perigo presentes no mundo externo. Certo grau de ansiedade é necessário para a sobrevivência humana, todavia se esta se apresentar de uma maneira constantemente exacerbada, o desempenho do indivíduo será prejudicado frente às várias situações que ele terá que enfrentar tais como provas, entrevistas, relacionamentos dentre outras (Biaggio, 1999; Lipp, 2003; Lipp, Arantes, Buriti & Witzig, 2003). Ainda de acordo com Biaggio citada por Lipp (2004), os sintomas psicológicos mais frequentes em crianças, relacionados ao estresse infantil são agressividade, medo excessivo, ansiedade, insegurança, desânimo, dentre outros.

Na segunda categoria apresentada, denominada “percepção dos pais”, a primeira subcategoria se caracteriza como a não aceitação dos mesmos quanto à condição do filho Ishaan. Durante uma reunião na escola, os professores expõem a situação do aluno aos pais. A cena F. retrata a família ao voltar para casa de carro, Ishaan permanece em silêncio e os pais se questionam a razão pela qual o filho é assim, o pai relata que o filho precisa de uma educação além da qual está tendo.

Minuchin (em Coelho, 2007), entende a família como um sistema complexo em processo de constante interação, que passa por transformações ao relacionar-se com outros sistemas, como o sistema escola, refere, ainda, que a família é um sistema especial no qual a estabilidade e a mudança são organizadas. Família e escola estão sujeitas a transformações, sendo que o aluno deixou de ser um depositário de informações e passou a ser educado em um contexto criado pelo e no encontro das relações.

Comumente, há uma preocupação em se encontrar um culpado para as dificuldades escolares, por vezes a escola culpa a falta de engajamento dos pais nas atividades escolares ou até mesmo a desorganização familiar, propagando a ideia de que o rendimento escolar está diretamente relacionado à dinâmica familiar (Oliveira & Marinho-Araújo, 2010).

Szymanski (1995), o conceito de família pensada é o modelo de família ideal oferecido pela sociedade. Pensada porque permanece subjacente ao projeto de construção de uma família, apresenta-se como parâmetro para avaliação e promete constituir-se em passaporte para a felicidade. As *falhas* nesse processo são atribuídas a *patologias* ou

deficiências morais, intelectuais ou psicológicas dos pais. Instituições educacionais como escolas e creches aproveitam-se dessa ideologia para culpar a família pelas dificuldades escolares e de relacionamento que crianças e jovens apresentam e, também, para encobrir suas próprias deficiências.

Pode-se pensar que no recorte F. a escola apresenta aos pais apenas os problemas em relação ao aluno, sendo que, a diretora relata “Algumas crianças têm menos sorte que outras!”. Tal ação faz com que os pais se irrite com a atual escola e o pai relata à esposa “Elas pensam que nosso filho é um retardado, que deveria ir para uma escola especial!”. Os pais se negam a acreditar que há alguma dificuldade escolar em Ishaan e por decisão do pai, o filho é transferido de escola, pois é necessária uma educação além da que está tendo, com mais regras e com punições, caso não cumpra com o que é esperado.

No recorte G. do filme, são apresentadas cenas de um antigo vídeo, onde a mãe Maya demonstra estar feliz pelas conquistas do filho, como o início da vida escolar de Ishaan, porém não se evidencia como esse momento foi vivenciado pela mãe, no momento que o filho se inseriu no ambiente escolar, no recorte F. a mãe relata “sacrifiquei minha carreira pelas crianças, é uma luta diária fazer Ishaan estudar!”, sugerindo que o momento de inserção escolar dos filhos exigiu a tomada de duras decisões quanto ao seu futuro profissional. Ao final da cena, Maya chora ao rever os momentos com a família, a culpa se faz presente, pois a educação dos filhos exigiu sua privação profissional e a mesma se questiona qual foi seu erro.

Quando a mãe passa a trabalhar fora, surge uma cobrança da sociedade para que ela retorne ao cuidado do lar e dos filhos. Esse fator pode desencadear, na mãe, um sentimento de culpa, por pensar que não está cumprindo com o seu papel (Badinter, 2011). Com a entrada dos filhos na escola, o que implica relacionamento com um novo sistema - a escola, novos padrões emergem no sentido do cumprimento das tarefas escolares, horário de estudo, atividades escolares e extraescolares, ajustamentos em casa no espaço, tempos de lazer, dormir, etc, tendo a família de aprender a gerir a avaliação escolar sobre a criança e sobre a família (Minuchin & Fishman, 1990). O ingresso na escola como um período de crise, e ainda que neste momento o foco seja o papel da mãe, assume-se, de uma perspectiva sistêmica, que esses processos demandam uma readaptação de papéis e de funções também da figura paterna. (Minuchin, Nichols & Lee, 2009).

Na terceira categoria apresentada, denominada “interferência da figura do professor”, a primeira subcategoria se caracteriza como explicação do professor sobre dislexia aos pais, abordando a cena H., na qual o professor Ram vai até a casa de Ishaan e

conversa com os pais do menino, na busca de compreender o que acontece com seu aluno, descobre as pinturas que o mesmo realizava antes de ir para a nova escola e percebe a repetição dos erros ortográficos nos cadernos de aula. Explica à família o que acontece com Ishaan, introduzindo o conceito de dislexia, e também outras consequências no comportamento, como a coordenação motora prejudicada e a dificuldade em seguir múltiplas ordens. “Vocês notaram um padrão que se repete em seus erros?”, explicando à família as características da dislexia, “seu filho não consegue ler a palavra, portanto não entende o significado!”. De acordo com a análise das pinturas do menino, o professor concluiu tratar-se de dislexia. Este diagnóstico decorre de um dos critérios da inteligência dentro ou acima da média (APA, 2014).

O professor exemplifica ao falar da dificuldade de Ishaan e questiona o Yohan, o irmão do menino, perguntando se o mesmo consegue pegar a bola nos jogos de futebol, Yohan confirma a suspeita de Ram que explica, “Ele não consegue relacionar tamanho, distância e velocidade!” e alerta que Ishaan esconde suas inabilidades através de seu mal comportamento. O pai mostra resistência para compreender o que Ishaan está enfrentando. Ao analisar o funcionamento de uma família considera-se que cada elemento tem suas necessidades e obrigações dentro do sistema familiar para que haja uma harmonia, com funções estabelecidas de acordo com as habilidades pessoais de cada elemento e o pai participativo será um elemento ativo em todas as dimensões deste funcionamento. Minuchin (1982) define esse padrão de funcionamento familiar como o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem.

De acordo com Frank (2003) “na maioria dos casos é o professor que percebe primeiro os sinais da dislexia. As dificuldades da leitura escrita em uma criança brilhante começam a despertar a suspeita no professor, sendo até uma surpresa para os próprios pais” (p. 78).

Na segunda subcategoria, “explicação do professor sobre dislexia aos alunos”, na cena I. pode-se identificar o professor Ram explica aos alunos, através de uma história, o que acontece quando alguém não consegue ler e escrever. Ishaan compreende que o professor está falando de suas dificuldades e sente medo que lhe exponha frente aos demais colegas. Apresentando exemplos de grandes pensadores, que também possuíam dificuldades escolares, ressalta que com coragem e empenho eles venceram suas limitações na escrita e conquistaram o mundo através de seus trabalhos.

Segundo Frank (2003), a criança com dislexia geralmente vivencia uma “vida secreta”, pois percebe que não é como as outras crianças e prefere manter segredo sobre seu transtorno. Isso acarreta enorme pressão sobre a criança, que vive secretamente com medo de ser descoberta e de não se adaptar às situações. “Acaba evitando situações desconfortáveis nas quais seu segredo” (p. 79) possa ser revelado. Esse sentimento de medo causa um estresse ao longo do tratamento, que interfere na aprendizagem, causando enorme sofrimento emocional. Os disléxicos que não conseguem fazer tratamentos especializados bem sucedidos podem aumentar as fileiras dos analfabetos, ou podem ficar excluídos das profissões que requerem rendimento acadêmico. Assim, pode-se pensar que neste momento do filme, Ishaan já compreende suas reais dificuldades e busca na figura do professor um subsídio para enfrentar o processo de alfabetização.

Na última subcategoria, denominada “auxílio do professor com a direção da escola”, a cena J. Retrata o professor Ram buscando auxílio, em relação ao aluno, com o diretor da escola. O diretor é surpreendido com as constatações de Ram, pois acreditava tratar-se apenas de mal comportamento, o docente explica que evidencia o transtorno da dislexia. O diretor não compreende do que se trata a dificuldade de aprendizado de Ishaan, pois como suas pinturas demonstram, sua inteligência é acima da média para a idade que se encontra. Ram propõe ao diretor que solicite aos demais professores que, por enquanto, desconsiderem a letra e a ortografia do aluno, e se disponibiliza a realizar atividades extra classe com Ishaan, onde suas dificuldades sejam trabalhadas oralmente, buscando a melhora gradual no rendimento do aluno. O diretor aceita a condição proposta. O professor passa a realizar atividades extraclasse com o aluno, onde são desenvolvidas habilidades da criança, através de intervenções psicopedagógicas, utiliza recursos para facilitar a compreensão do menino, tais como, caixas de areia, tintas, massas de modelar, cerâmica, jogos de encaixe, áudios books, entre outros.

Para Munhoz (2001) é a partir da compreensão do campo de relações do sujeito com o outro e com o objeto de conhecimento que se pode ajudar a criança a ocupar um outro lugar e, assim, resgatar o prazer da aprendizagem e a autonomia do seu exercício, permitindo a emergência de um processo de autoria e apropriação criativa de conhecimentos. Ampliando essas ideias, a autora afirma que a aprendizagem da autonomia se dá na produção das diferenças, ou seja, quando alunos forem capazes de transformar e atualizar o que os professores transmitem.

Portanto, quando a criança autoriza-se a pensar, a questionar e a transformar, pode mudar a realidade. Para o desenvolvimento da espontaneidade, base da criatividade e do

desenvolvimento da capacidade de interessar-se e envolver-se na aprendizagem, é preciso o encontro com um outro facilitador. Se esse encontro não se deu na base familiar, pode ser vivenciado no acompanhamento psicopedagógico e a autoria de pensamento ser resgatada (Munhoz, 2001).

Desta forma, a discussão destas categorias, ancoradas na revisão de literatura proposta, propiciou uma maior compreensão dos conflitos de Ishaan no âmbito escolar e familiar, podendo se evidenciar as características da dislexia relacionadas ao desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou um entendimento mais aprofundado sobre o comportamento de uma criança disléxica em idade escolar. Em sua construção, para que houvesse entendimento do tema, buscou-se sintetizar conteúdos disponíveis na produção científica, fazendo uso de suportes teóricos relacionados à psicologia do desenvolvimento, visando descrever sobre as características da dislexia, um transtorno específico da aprendizagem e suas implicações com o contexto familiar. Durante o estudo, identificou-se que este transtorno precisa ser mais discutido nas escolas, tornando-se oportuno propiciar conhecimentos que possam ser utilizados para o aprimoramento destes profissionais, diante à sua importância no desenvolvimento da criança acometida pela dislexia. Com os conhecimentos repassados aos pais e ao corpo docente escolar, é possível proporcionar ao indivíduo com dislexia condições igualitárias de ensino e de convivência social.

A fase do desenvolvimento humano caracterizada como infância se constitui como um período de desafios para a família, ocorrendo muitas descobertas e transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. A partir da idade escolar, o crescimento cognitivo possibilita que as crianças desenvolvam conceitos mais específicos sobre si próprias, assim como maior controle emocional. Nessa fase, as crianças vão se apropriando de seus próprios sentimentos e dos sentimentos dos outros e começam a controlar melhor suas emoções em situações sociais.

O ambiente familiar e escolar são fundamentais para o desenvolvimento do controle da emoção e da autoestima, ou seja, sentimentos positivos acerca das suas possibilidades, confiança em si mesmo e a maior facilidade em aceitar desafios. Uma boa interação entre esses dois contextos, pode auxiliar as famílias a desenvolverem, junto aos seus filhos, o interesse e a valorização pela escola e pelo produto ali construído, a aprendizagem dos conteúdos escolares significativos para o seu futuro como cidadão e como profissional. A família também é um contexto de aprendizagem e exerce influência muito grande sobre a criança em idade escolar.

A partir da revisão de literatura, foi possível estabelecer relações entre a teoria descrita e os recortes realizados a partir do artefato cultural *Como Estrelas na Terra*. Este filme faz referência à história de uma família indiana, o enredo gira em torno do personagem Ishaan, um menino de nove anos de idade, que enfrenta tanto as dificuldades com a leitura e escrita, como a incompreensão de seus pais e professores.

Nota-se a existência de desconforto tanto por parte do personagem, quanto por parte dos membros da família, colegas de aula e professores, visto que não possuíam conhecimentos necessários sobre a dislexia. As cenas demonstram o personagem travando um embate com todos que não lhe compreendiam, muitas vezes isolando-se das situações. Também se ressaltam as mudanças ocorridas com os membros da família de Ishaan, após o diagnóstico de dislexia do menino.

Este estudo teve como objetivo identificar as possíveis percepções do personagem principal do filme Ishaan, que possui dislexia, assim como as repercussões, relacionadas à falta de apoio familiar. Nesse contexto, buscou-se caracterizar o processo de infância, descrevendo a dislexia, como um transtorno de aprendizagem e identificando funções de um sistema familiar, sendo assim, entende-se que este estudo cumpriu a contento a sua proposta, identificando possíveis dificuldades e percepções do personagem principal e sua família, em relação à dislexia.

Considera-se que esta pesquisa pode contribuir para as áreas da educação, das políticas públicas voltadas à criança e ao público da saúde nos seus mais variados âmbitos e saberes, além de alicerçar a psicologia para desenvolver um trabalho eficaz.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). *A criança e seus jogos* (2ª ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Afonso, T. (2015). O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 131- 141.
- Ajuriaguerra, J. (1983). *Manual de psiquiatria infantil*. São Paulo: Masson.
- Almeida, A. R. S. (1997). A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13(2), 239-249.
- Amorim, S. O. B. E. & Oliveira, F. G. (2016). Dislexia em perspectiva: contribuições da psicopedagogia e da Psicologia. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 10(31) 44-47. Acesso em 26 de março de 2019 de <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/531/703>.
- Associação Psiquiátrica Americana. (2014). *Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.
- Biaggio, A. M. B. (1999). A ansiedade do dia-a-dia. In M. N. Lipp (Org.), *O stress está dentro de você*. (pp. 59-67). São Paulo: Contexto.
- Capellini, S. A. (2004). Dificuldade escolar e distúrbios de aprendizagem: aspectos preventivos e remediativos. In L. E. L. R. Valle (Org.), *Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem* (pp. 95-111). São Paulo: Revista Pulso.
- Cervo, A. L.; Bervian, P. A. & Silva, R. (2007). *Metodologia científica* (6ª ed.). São Paulo: Pearson.
- Coelho, V. S. (2007). Aspectos estruturais do sistema familiar. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos & V. S. Coelho (Orgs.), *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: o processo de atendimento sistêmico* (pp. 343-456). Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa.
- Coelho, D. T. (2014). *Dificuldades de aprendizagem específicas: dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia*. Porto: Areal Editores.
- Costa, J. A. (2003). Projetos educativos das escolas: um contributo para a sua (des) construção. *Revista Educação e Sociedade*, 24(85), 1319-1340.
- Cruz, V. (2011). Dificuldades de aprendizagem específicas: uma abordagem e seus fundamentos. Santa Maria: *Revista Educação Especial*, 24(41), 329-346.

- Dacroce, M. & Nicoli, V. V. (2014). Informe psicopedagógico de uma avaliação institucional e informe psicopedagógico de um estudo de caso clínico. *Revista Internacional em Ciências da Educação*, 2(121), 77.
- Dias, F. N. (2001). *Padrões de comunicação na família, uma análise sociológica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dias, T. & Mesquita, H. (2013). Perfil psicomotor da criança com perturbação específica da linguagem e dislexia. Santa Maria: *Revista Educação Especial*, 26(45), 11-30.
- Erikson, E. (1998). *O ciclo vital completo*. Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca, V. (2009). Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. *Revista psicopedagogia*, 26(81), 339-356.
- Fonseca, V. (1995). *Introdução às dificuldades de aprendizagem* (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Frank R. (2003). *A vida secreta da criança com dislexia*. São Paulo: M. Books do Brasil.
- Galvão, I. (1999). Wallon e a criança, esta pessoa abrangente. *Criança*, 3(7), 11-13.
- Galvão, I. (2000). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Khan, A. (Produtor), & Gupte, A. (Diretor). (2007). *Como Estrelas na Terra* [Filme]. Índia: PVR Pictures.
- Kirk, S. A. & Gallagher, J. J. (1996). *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Knobel, M. (1992). *Orientação familiar*. Campinas: Papirus.
- Ladeira-Fernandez, J. & Cruz, A. P. M. (2007). Medo e dor e a origem da ansiedade e do pânico. In J. Ladeira-Fernandez & M. T. A. Silva (Orgs.), *Intersecções entre Neurociência e Psicologia*, Rio de Janeiro: MedBook, 217-239.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trads.) Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Lefèvre A. B. (1972). O exame neurológico da criança. In: A. P. M. Tolosa & H. M. Canelas (Ed.). *Propedêutica neurológica* (pp. 376-401). São Paulo: Sarvier Editora de Livros Médicos.
- Lima, F. R.; Azoni, S. A. C. & Ciasca, M. S. (2013). Atenção e funções executivas em crianças com dislexia do desenvolvimento. Juiz de Fora: *Revista Psicologia em Pesquisa*, 7(2), 44-45.

- Lipp, M. E. N., Arantes, J. P., Buriti, M. S. & Witzig, T. (2003). Stress em escolares. *Acta Científica: Ciências Humanas*, 1(4), 51-56.
- Lipp, M. E. N. (Org). (2003). *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: Teoria e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. E. N. (2004). *O stress está dentro de você*. (6ª ed.) São Paulo: Contexto.
- Machado, A. M. (2004, novembro). Educação inclusiva: de quem e de quais práticas estamos falando? Trabalho apresentada na sessão especial “Ética, subjetividade e formação docente: políticas de inclusão em questão” da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*.
- Michelino, S. M.; Cardoso, D. A.; da Silva; B. P. & de Macedo, C. E. (2017). Desempenho em testes psicopedagógicos e neuropsicológicos de crianças e adolescentes com dislexia do desenvolvimento e dificuldade de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, 34(104), 111-25.
- Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares: teorias e práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento* (11ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento* (J. A. Cunha, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artmed, Revista Sociologia da Família.
- Minuchin, S. & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, P. & Colapinto, J. (1999). *Trabalhando com famílias pobres* (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S., Nichols, M. P. & Lee, Y. W. (2009). *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Munhoz, M. L. P. (2001). *Casamento: ruptura ou continuidade dos modelos familiares?* São Paulo: Expressão & Arte.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). Análise comparativa. In M. P., Nichols & R. C. Schwartz. *Terapia familiar conceitos e métodos* (7ª ed.; M. A. V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, C. B. E., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Revista Estudos de Psicologia*, 27(1), 99-108.

- Osório, L. C. & do Valle, M. E. P. (2004). *Alquimia Íntima: a nova química do casal*. Porto Alegre: Literatus.
- Papalia, D. E. & Feldman, D. R. (2013). *Desenvolvimento humano* (12ª ed.). Porto Alegre: AMGH editora.
- Piaget, J. (1970). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahax.
- Piaget, J. (1971). A evolução intelectual entre a adolescência e a maturidade. *Revista Pedagogia*, 5(1), 83-95.
- Piaget, J. (2014). *Relação entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança* (Saltini, C. J. P.; & Cavenaghi, D. B, Trads.). Rio de Janeiro: Wak. (Trabalho original publicado em 1954)
- Rodrigues, M. & Silveira, L. (2008). *Dislexia: Distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no Ensino Fundamental*. 24 abr. 2008. Disponível em: webartigos.com/artigos/dislexia-disturbio-de-aprendizagem-da-leitura-eescrita-no-ensino-fundamental/5551/. Acesso em 28 de março de 2019,
- Sampaio, C. S. (2000). Revisitando a pré-escola In: R. L. Garcia (Org.), *Alfabetização na pré-escola*. (p. 52-77). (4ª ed.). São Paulo: Revista Cortez.
- Sampaio, S. (2014). Aspectos Neuropsicopedagógicos da Dislexia e sua influência em sala de aula. In: S. Sampaio; I. B. Freitas de. *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem - Entendendo Melhor os alunos com necessidades educativas especiais*, (2ª ed.) Rio de Janeiro: Wak.
- Shaywitz, S. (2003). *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, C. A., Conceição, S. S. J. & Tavares, L. I. (2016). Um novo olhar sobre o aluno com dislexia, o papel da família e do Professor no processo de aprendizagem. *Revista Madre Ciência- Educação*, 1(2), 15-19.
- Silva, N. & Silva, F. (2016). A Dislexia e a Dificuldade na Aprendizagem. *Revista Científica Multidisciplinar*, 1(5), 75-87.
- Silveira, L. M. O. B. (2002). O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner. (Coord). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes.
- Szymanski, H. (1995) Teorias e Teorias da Família. In M. C. B. Carvalho. *A família contemporânea em debate* (pp. 23-27). São Paulo: Edu Cortez Editora.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (Aguiar, O. J. & Nobre, A. V. Trad.) Rio de Janeiro: Imago.

- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo* (6ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp.38-54). (I. C. S. Ortiz., Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 399-405). (D. L. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)